

Um acto de provocação

So agora recebemos um jornal publicado com a data de Setembro sob o título «O DESPERTAR—órgão da juventude libertária» (anarquista).

Esse jornal publica um artigo que é encimado pelo seguinte título, em grossas letras: «O GOVERNO DE VALENCIA AS ORDENS DE HITLER E MUS-SOLINI».

Esse artigo, que é um feixe de calúnias repugnantes contra o governo da República espanhola, apela para os «camaradas espanhóis» para que organizem atentados contra os militantes do Partido Comunista e dos outros partidos da Frente Popular. Ela é a transcrição integral dum período desse artigo:

«Camaradas espanhóis! Não vos intimidem com estas provocações. Sabed responder-lhes (aos partidos Comunista e republicano-burgueses) usando da nossa tática histórica: a acção directa!» (sublinhado por nós).

O mesmo artigo termina com este apelo: «Juventude revolucionária... só podereis estar com as forças da Revolução com C.N.E. e com F.A.I. contra o fascismo de Franco e contra o fascismo de Negrin e José Díaz!».

Lançar apelos à organização da luta CONTRA o governo de Valencia—que dirige a luta contra o fascismo—e à prática de atentados contra as dirigências anti-fascistas, só pode partir de gente miserável, posta conscientemente ao serviço da policia e do fascismo.

Os autores de tal artigo e de tal jornal não podem ter, com certeza, o apoio dos anarquistas portugueses.

Os camaradas anarquistas foram vítimas, com certeza, de miseráveis provocadores que vieram fazer um serviço ao fascismo, cobrindo-se com o rótulo de anarquistas.

Esperamos que as organizações anarquistas, em nome dos interesses da luta pelo auxilio ao povo espanhol, e em nome dos interesses da Unidade do povo português, desautorizem este escrito e os seus autores e se considerem desligados duma tal provocação.

Camaradas anarquistas: depurai as vossas fileiras de todos os inimigos mascarados, de todos os provocadores e dai as mãos aos vossos camaradas comunistas e de todos os partidos que vos esperam ansiosamente para conduzirmos a luta em comum pelo auxilio ao povo espanhol e pela libertação do povo português!

Avança, pelo muito dinheiro ao povo espanhol e contra Franco e todos os seus agentes!

As manobras do autono—o primeiro passo para a guerra com a Espanha!

O fascismo português anda atarefadíssimo com o rearmamento do Exército. São centenas e centenas de milhares de contos que têm saído para a Alemanha e Italia, para que elas nos mandem espingardas, metralhadoras, morteiros e aviões.

O governo fascista procede à reorganização do exército, manda construir aeródromos e accelera a produção de material de guerra. Segundo um artigo publicado, há pouco, no «Diário de Noticias», tudo estava preparado para que o fabrico de cartuchos AUMENTASSE IMEDIATAMENTE DEZ VEZES. As visitas de Salazar às fabricas de material de guerra e a unificação de calibre das espingardas, são outras tantas provas da preparação intensiva para a guerra que Portugal leva a efeito.

Paralelamente à preparação material da guerra, o fascismo prepara os animos dos futuros combatentes e de toda a Nação! Há duas semanas, o «Diário de Noticias» dizia que a fronteira de Portugal está no Mediterrâneo e que a existência de Portugal era incompatível com a fronteira com a Espanha republicana e que Portugal fazia tudo para evitar isso.

Enfim, por toda a parte, na imprensa, pela rádio, nos comícios de legionários, se faz abundantemente a propaganda da guerra.

E quem que fim Salazar prepara a Nação—sangrando-a já—para a guerra? Para nos defender? De quem? Quais são os inimigos de Portugal?

As democracias não o são. A democracia espanhola, na sua constituição de 1931, renunciou à guerra para resolver conflitos internacionais. A guerra foi posta fora da lei. Orientadas, presentemente, numa politica de paz, não têm ambições que ponham a nossa independência em perigo. Não é, portanto, nas democracias que se devem procurar os inimigos de Portugal.

Portugal tem inimigos, e foi com esses que Salazar se aliou. Esses inimigos são os que ambicionam Angola e os Açores, são os que querem fazer de nós, juntamente com a Espanha, uma provincia do seu imperio. Os inimigos de Portugal são a Italia e a Alemanha. São eles que nos ameaçam na nossa independência e agora, como agora, o perigo foi tão eminente.

Se fôssem para nos prepararmos para conter esses inimigos, ou que nos ameaçam na nossa independência, não haveria muitos portugueses que não compreendessem o sacrificio dos armamentos. Mas, mesmo assim, ele não seria o suficiente. Nunca, por mais sacrificios que o país fizesse, poderíamos opor uma resistência seria a uma invasão italiana ou alemã, confiando, apenas, nas nossas possibilidades militares. Só poderemos conter em respeito essas nações e conter-lhes o appetite, por meio de uma politica de estreita colaboração com as nações progressivas e democráticas.

Mas não. Não é para a nossa defesa que Salazar anda a rearmar o exército, é para a nossa perda.

As armas que a Alemanha está a vender para Portugal, antes se voltaram contra o povo português se ele quiser defender a sua independência. Os aviões que vendem para Portugal e os aviadores que para cá mandam, bombardearão as nossas cidades, vilas e aldeias, se o povo português reagir contra o dominio alemão e italiano.

Mas esses inimigos de Portugal têm como tarefa imediata o esmagamento da Espanha. E, como já consideram Portugal como uma colonia ou uma provincia dos seus territórios, estão a preparar-se para nos fazer invadir a Espanha, assim que o Franco o exija.

E' para isso toda a pressa do rearmamento. E' para isso que estão conduzindo Portugal ao maior descabro económico.

E Salazar prepara a intervenção armada com todo o cuidado. A Mussolini e Hitler já não chega o envio de material e todo o outro auxilio que Salazar tem prestado, desde o começo da guerra, aos fascistas internacionais que combatem em Espanha. E' necessário uma acção de maior envergadura. Franco exige material humano e Salazar prepara-se para intervir directamente, com corpos do exército, como Mussolini.

O primeiro ensaio para a intervenção são as manobras do autono. Um corpo do exército, composto por 3 divisões, com um efectivo de 50000 homens, vai fazer grandes manobras. E o local é bem iludido: as manobras realizar-se-ão junto à fronteira espanhola!

Serão necessárias mais provas? Haverá ainda quem duvide que Salazar queira invadir a Espanha?

Povo Português! É necessário que todos, unidos numa ampla frente popular, barremos o caminho que o fascismo traçou para nos fazer desaparecer como nação! Salazar prepara-se para fazer de nós carne de canhão!

Salazar com a intervenção em Espanha vem apressar a eclosão de guerra mundial!

Portanto a luta contra a intervenção em Espanha é contra o fascismo assassino!

Quem se defende, os provocadores?

O artigo do «Despertar», a que montro ligar nos referimos, acusa a URSS de ter entregado o anarquista Petriní a Italia fascista onde se encontra, diz, a cumprir 22 anos de presidio (o que é falso).

Para esclarecimento dos nossos leitores devemos explicar o que é este caso Petriní.

Petriní, ex-anarquista, foi para a URSS como emigrado. A determinada altura as autoridades soviéticas tomaram conhecimento de que ele mantinha ligações espaciais, altamente comprometedoras, com a Embaixada da Italia fascista, em Moscovo.

Petriní foi condenado pela justiça soviética, pelo seu crime de traição. Porém, a Embaixada Italiana intercedeu para que Petriní fosse libertado e lhe fossem concedidas todas as facilidades para sair do território soviético. Petriní expediu, então, à Embaixada que lhe fornecesse passaportes para ir para a Italia onde havia sido condenado a 22 anos de prisão.

Claro está que Petriní, apesar da condenação que pesava sobre si, não foi preso. Petriní, foi beneficiado por amnistias. Hoje vive na Italia em plena liberdade, gozando de privilégios que o fascismo só concede aos seus agentes.

Pode haver alguma duvida que se trata dum provocador? Não!

Porque, então, se defende Petriní? Porque precisamente se defendem provocadores num artigo onde se aconselha a usar da acção directa contra os partidos da Frente Popular Espanhola?

Não pode haver duvida que um tal artigo é obra dum agente distolgado do fascismo.

Sacerdotais sentenciados à morte por Franco

(Do correspondente especial do «News Chronicle»—9/10/37)

Transcrevo de um órgão oficial de Franco, de Bilbao, as seguintes sentenças pronunciadas por um Tribunal Especial:

Demétrio Busturia, hotelero, por ter servido uma refeição aos membros do Governo Basco; condenado à morte.

Padre Carmelita Aranguren, por ter feito um sermão às tropas governamentais; condenado à morte.

Abade Manuel Arzuaga, por ter dito missa repetidas vezes às tropas governamentais; condemnado à morte.

Os sacerdotes Sotero, Batiz e Legarra, por uma semelhante ofensa; 30 anos de trabalhos forçados.

Outros sacerdotes sofreram penas que variaram entre 6 e 12 anos por terem prestado auxilios espirituais aos soldados governamentais.



No novo campo de Aviação de Ota

Trabalham aqui umas centenas de operários, divididos em três grupos, miseravelmente explorados pelos directores do campo, tenentes Pires Lopes e Romão. A protecção que o fascismo dispensa aos operários está aqui bem patente: apesar da lei das 8 horas de trabalho, e o próprio Estado que obriga os seus operários a trabalharem dez horas.

A falta de organização entre nós, fez que cada grupo reclamasse isolado contra as dez horas de trabalho, e essa divisão foi aproveitada por esses tenentes fascistas, que, tendo satisfeito a reclamação dos primeiros grupos, se negaram a satisfazer a do 2º dizado-lhes que, se não calassem, tinham-lhes uma metralhadora para lhes tratar da saúde.

Organizámos um movimento de protesto com 150 homens e por fim conseguimos as 8 horas, mas roubaram-nos o salário, visto que ganhávamos 12500 pelo dia das 10 horas de trabalho e agora ganhamos só 10500.

Camaradas! Só com união organizada conseguiremos a satisfação das nossas reclamações!

Que esta experiência nos sirva! Organizemo-nos todos para a conquista do salário de 12500 que nos roubaram!

Os Detachados da Família

No C.U.F. há diversos legionários, todos com a mesma moral. Um deles, já respondeu nos tribunais por ter mandado prender um irmão, acusando-o de ter dado 5 facadas na mulher, o que era mentira, e escreveu aos pais pedindo-lhes socorro para o livrar, só para poder extorquir este dinheiro à família que vive no Funchal. Este bandido mandou prender um camarada já de idade e doente, que ainda esteve 8 dias preso, por lhe dizer umas palavras sem má intenção.

São estes os «voluntários da ordem».

Na Sociedade Geral do Comércio e Indústria, Transportes, Ld.

Nesta Sociedade, agregada à C.U.F., existe um certo número de operários que trabalham nas reparações de barcos. O encarregado geral desses operários é um tal José Laranja que ganha um ordenado de 105000. Faz-se responsável de homens, despede-os deixando a responsabilidade para o chefe e este para ele, num jogo indecente. Por um operário reclamar os seus direitos, mandou-o prender por revolucionário.

A bordo, não há lugar para guardar a roupa; temos que pô-la em cima de toda a porcaria, porque não podemos servir-nos dos camarotes que estão vazios. Também sucede o mesmo quando chegamos — se escolhemos outro mais limpo, como a ponte do comando, corremos com osso.

Este Laranja tem um serviço de bufaaria tão bem montado que não nos deixa mexer. O armazém B é um depósito de bufaaria. Os bufoeiros são: Mário Munhe, Carlos do Armazém, Octávio, João das Tintas e José Carapau.

Camaradas! Unir-vos. Sozinhos venceremos. Cantela com os bufoeiros e a bufaaria mononocional.

Um grupo de operários

A NOVA DIVISÃO ADMINISTRATIVA E as próximas "eleições"

O «Avante» já em numerosos anteriores se tem referido a esta nova FARSA da Ditadura fascista e que ela espalha pelo país fora em anúncios e reclames pomposos: as eleições das Juntas de Freguesia e que deverão ter lugar, segundo manda o Código Administrativo, no segundo ou terceiro domingo do mês de Outubro.

Já dissemos que, a demonstrar cabalmente a nova barba salazarista, estavam a restrição do direito de voto aos «chefes de famílias», (expressão que tem na linguagem eleitoral fascista um significado muito especial), na falta de liberdade de propaganda, no facto das eleições se referirem apenas aos representantes das Juntas de Freguesia e não aos outros corpos administrativos de maior importância local e nacional, etc.

Em virtude do novo Código Administrativo que a Ditadura publicou, a administração local é exercida nas Freguesias, nos Concelhos e nas províncias, respectivamente pelas Juntas de Freguesias, Câmaras Municipais dos Concelhos e das Juntas Provinciais.

Junto destas últimas funcionam ainda, certos órgãos como os «Conselhos» Municipais e provinciais.

E como são formados estes corpos administrativos?

Não o são pelo voto, em eleição, onde a vontade do povo é manifestada, e como o estabelecem todos os antigos Códigos Administrativos liberais no tempo da República e, até à Monarquia(!), mas por representantes dos «agentes» Patronais e outros tantos organismos chamados «corporativos», e ainda PELOS MAIORES CONTRIBUINTES DA CONTRIBUIÇÃO RUSTICA OU URBANA. (artº 16 do Código Administrativo)

Os Concelhos, os Municípios de tão liberais tradições e que foram o instrumento de que o povo e mesmo a burguesia oprimidos pela nobreza se serviram para a realização das suas aspirações democráticas e humanas, estão hoje reduzidos a meras agências do poder central que tudo abarca e sufoca.

Antigamente o território português estava dividido em 18 distritos. Agora, pelo novo Código Administrativo, os distritos desapareceram e o território fica dividido em 11 províncias, o que reforça a centralização e permite ao fascismo manejar melhor os seus agentes, em prejuízo dos interesses da população local.

As eleições para os órgãos administrativos foram de facto banidas. Só para as «Juntas de Freguesias», a que o fascismo com um descaramento inaudito chama a «base do edifício social e político (discurso de Pais de Sousa em Braga) só para esses órgãos de menor categoria e importância o fascismo conservou um arcaísmo de eleições.

O «Avante» tem desmascarado toda esta cínica farsa do fascismo cujo objectivo é enganar mais uma vez o povo português e a opinião pública mundial.

O povo português deve deitar por terra os planos do fascismo. Mas, para isso, é indispensável não ficar indiferente a estas manobras, permitindo, com a abstenção, que para as juntas de freguesia sejam eleitos inimigos do povo, ou que o fascismo possa dizer que o povo votou unanimemente nas listas da União Nacional.

É preciso votar contra o fascismo.

Para votar contra o fascismo é preciso:

1.º — Que em cada freguesia, cinco chefes de família, recensados,

segue na página 3

O fascismo, inimigo da Cultura da Juventude

Alguns jovens da Moita, ansiosos de cultura e de saber, tomaram a iniciativa de fundar uma biblioteca numa sociedade recreativa da localidade. Era já frequente verem-se jovens com livros debaixo do braço, aproveitando todos os momentos livres, para desenvolvimento da sua própria cultura.

Mas... alguns legionários e fascistas, notando a ansia de cultura da juventude e presentindo os perigos que a elevação do seu nível cultural representa para o fascismo, resolveram acabar com aquilo de vez. E, sem mais demoras, os «honrados» fascistas José Adélia, Antero Almeida e um tal Henrique, mais conhecido pelo «Cabeçinha à Banda», correram a denunciar alguns desses jovens à já tão tristemente celebre polícia de informações, alegando que eram perigosos comunistas.

Os jovens foram presos e presos continuaram, apesar de nada se provar contra eles.

Juventude da Moita! Lutai pela libertação destes jovens, cujo único crime é o de quererem mais cultura e mais instrução para a juventude.

PROCESSO DE AGIR da Polícia

Esses bandidos da Informação adotam os processos mais ignóbeis para apresentarem serviços semanais.

Um destes dias, vinham três rapazes do Cemitério do Alto de S. João, onde tinham ido acompanhar um enterro. Atraz vinham dois desses miseráveis, que apressaram o passo para lhes passar à frente e, quando vinham junto deles, deitaram para o chão uns papéis.

Voltaram-se para os rapazes e intimaram-nos para que os apanhassem. Como estes reagissem, dizendo que não apunhamos os papéis que eles deitavam para o chão, forçaram-nos, apontando-lhes as pistolas.

Os papéis eram uns manifestos clandestinos.

Levaram os rapazes para uma esquadra e depois para a Rua da Leva da Morte, onde continuavam presos.

É preciso que todas as pessoas honestas tomem conhecimento destes factos — para se poderem defender.

Anti-fascistas: organizemos a auto-defesa contra a polícia de informações!

O Estado Novo rouba descaradamente OS PESCADORES DA NAZARÉ

O roubo a que são submetidos os pescadores da Nazaré por parte do Estado fascista, ultrapassa todas as normas da hidrocracia posta em vigor por Salazar.

Os pescadores, que pescam de noite para que o peixe possa ser vendido de madrugada nos mercados servidos pela Nazaré, são obrigados a pagar ao Estado, em emolumentos, uma importância maior do que aquela pela qual o peixe é vendido!

POR UMA ARREMATACÃO DE ROUBO DE PEIXE OS PESCADORES PAGAM AO ESTADO NOVO FASCISTA 1866

O roubo é feito da seguinte maneira:

Para os funcionários do posto aduaneiro: 5800; As praças da Guarda Fiscal, pela assistência à lota: 850; de impostos para o Estado e Câmara Municipal: 1866. Sem falar ainda nos 5000 que é obrigatório pagar quando os cabos de mar estão presentes para a conferência da dimensão do peixe.

ISTO É, OS PESCADORES NÃO SÓ TRABALHAM DE BORLA, COMO AINDA TEM DE PAGAR DINHEIRO DO SEU BOLSO.

Só o «Estado Novo» e o seu chefe Salazar seriam capazes de roubar tão descaradamente.

O Sindicato Nacional dos pescadores da Nazaré já em tempos protestou por uma tal situação junto das autoridades competentes — que nenhuma importância ligaram ao caso.

Agora, o Sindicato Nacional, dirigiu-se directamente a Salazar — o ladrão. No 1 dos pescadores da Nazaré e de todo o povo português — para que não continue uma tão grande exploração dos pescadores.

São estes factos, tristes mas verdadeiros, que os ladrões e assassinos do povo português não dizem na imprensa estrangeira e na Exposição de Paris onde fazem uma falsíssima propaganda da «obra do Estado Novo».

Pescadores da Nazaré, exijam a cessação completa de toda esta miserável hidrocracia de que sois vítimas.

Exigi a anulação da Tabela de emolumentos aduaneiro do Decreto n.º 27.885.

Obrigai o Sindicato a defender os vossos interesses. Se não atenderem as vossas reclamações legais, organizai manifestações de protesto e exigi PELA FORÇA a melhoria da vossa situação.

Não deixeis que vos estolem depois de vos terem roubado a camisa!

Amigos do Partido

B.	500
P.	500
E.	500
F.S.M.	500
L.P.	500
G.E.	500
D. Coimbra	500
Dimitroff	500
Esquimaux (2 semanas)	1000
Parafuso 2	1000
P.B.X.	500
Litvinoff 2	750
TOTAL	7250

Contra a repressão policial e a provocação

Diz Lénin que uma das tarefas fundamentais do Partido do Proletariado é a luta vitoriosa contra a polícia política. Sem essa luta, é impossível toda a realização da linha política desse Partido, por mais justa que seja.

A FALTA DE CUIDADOS conspirativos dos nossos camaradas e o MAU PROCEDIMENTO de alguns deles perante a polícia, são os melhores auxiliares da polícia.

Outras vezes a imprudência não é na maneira de trabalharem os militantes mas na LEVIANDADE com que admitem provocações no seio das suas organizações.

Aparece um «entusiasta» qualquer que fala da Revolução, de tiros, de bombas e vólvuntas e os nossos camaradas com menos formação política dispensam-se, para o admitirem na sua célula, de proceder a um exame rigoroso da sua vida, da sua moralidade, enfim de todos os índices de que se está na frente de um verdadeiro camarada.

Pensam que é preciso tirar-lhes aquelas MANIAS de tiros e bombas, mas está certo, é um camarada de CONFIANÇA.

Ora, não é assim. E preciso que nas nossas organizações não se possa estar, lá porque se afirma que são «revolucionários» e valente. Mais ainda, todos os nossos camaradas devem DUIDAR de todos aqueles que manifestam a sua qualidade de comunistas, com «entusiasmos» de vólvuntas, tiros e bombas e que na prática se recusam a realizar uma actividade de massas.

Devemos tornar o nosso Partido um grande Partido.

Mas o que importa sobretudo é criar um Partido bolchevique.

Que quer isto dizer?

Quer dizer que precisamos de criar um Partido de tal maneira disciplinado, de tal maneira participando e orientando a luta de massas, de tal forma se defendendo da polícia que todos os desgastes que possa sofrer sejam mínimos e compensados amplamente pelo crescimento das suas fileiras, reprodução fiel do alargamento da luta de todo o povo português contra a miséria, a guerra e a repressão.

Que é necessário para que o nosso Partido mereça o honroso título de bolchevique?

Em primeiro lugar, que não viva isolado das massas, que não tenha preocupações AÉREAS, mas a sua actividade se ligue com os interesses de toda a população laboriosa do país.

Em segundo lugar, que nas organizações legais das massas (Sindicatos nacionais, Casas do Povo, cooperativas, associações desportivas, de recreio, etc.) todos os comunistas actuem não invocando «razões comunistas» e chamando, assim, a Polícia, mas activando toda a massa no sentido de defender os seus interesses.

Em terceiro lugar, fortalecer o Partido contra a provocação, não admitindo levemente SEM QUALQUER EXAME todos os que queiram nele entrar. Devemos aumentar as forças do Partido, mas depois de conhecermos na PRÁTICA como se

Hitler e Mussolini, nos seus discursos de ontem, em Berlim, proclamaram que o resultado do seu encontro solene era: «a Paz». Estas palavras, pronunciadas no momento em que, na Espanha, dezenas de milhares de alemães e italianos travam uma guerra feroz contra o povo espanhol, são a expressão do mais impudico e descaído cinismo.

O encontro dos dois tiranos, marca o reforço da política de guerra começada pela Itália na Abissínia, continuada por Hitler e Mussolini na Espanha e a que pretendem dar como fecho a guerra mundial. As afirmações pseudo pacifistas de Hitler e Mussolini não só não conseguem esconder os factos como nem sequer podem ofuscar as ameaças de guerra, contidas nas manifestações e nos discursos de Berlim. A visita de Mussolini à fábrica Krup, um dos maiores gigantes de material de guerra do mundo, é bem sintomática.

Aos «virtuosos» da política mundial, que durante meses se perguntavam se o eixo Berlim-Roma era ou não uma aliança militar, Hitler responde com clareza:

«Nós somos hoje uma comunidade não só de idéas mas uma comunidade de acção».

A Alemanha e a Itália estão unidas para a acção, isto é, para a guerra!

Em resposta aos pruridos do sr. Delbos e do sr. Eden que, para não dividirem a Europa em dois campos ideológicos, assistem passivamente ao estrangulamento da Espanha—Mussolini responde sem cerimónia: «A EUROPA DE AMANHÃ SERÁ FASCISTA».

As ambições do «Duce» e do «Fuehrer» são claras—não se trata já, simplesmente, da Espanha, do Mediterrâneo, da Austria, da Checo-slováquia... E' a Europa que está em jogo. E' a Europa que o fascismo quer dominar. E o «Duce» acentua particularmente que a Europa não se fará fascista pela propaganda mas sim pela «força dos acontecimentos», o que quer dizer em linguagem mais simples: pela guerra!

A guerra contra a Europa, sob a capa de guerra contra o bolchevismo eis o significado e o objectivo do encontro dos 2 maiores tiranos da Europa.

Enquanto no centro da Europa se forjam as armas que porão amanhã toda a Europa em chamas, no Extremo Oriente assiste-se às cenas da mais requintada ferocidade. Cidades populosas que não constituem objectivos militares, são vítimas das mais impiedosos bombardeamentos aéreos. Bairros inteiros são destruídos; centenas de mulheres e crianças são cruelmente trucidadas. Nem os pobres pescadores inocentes escapam ao sanguinário furor dos «heróis» japoneses. Como os jornais noticiam, um submarino japonês torpedeou uns grupos de barchutos de pesca perecendo algumas dezenas de pescadores.

Nem sequer as crianças, que morreram afogadas, o submarino japonês tentou salvar!

É a guerra total em acção. É a guerra contra as crianças, contra as mulheres e contra os trabalhadores pacíficos, preconizada pelos generais alemães, para infundir o pânico.

É a repetição em larga escala das bestialidades praticadas na Grande Guerra pelos alemães; é a cópia de Guernica e de Durango. É a imagem do amanhã.

A «Comissão dos 23» da S.D.N., decidiu condenar os métodos ferozes dos japoneses; a opinião pública inglesa está profundamente indignada; jornais conservadores como o Times, protestam energeticamente; a América parece disposta a secundar qualquer atitude enérgica da S.D.N.; por sua vez a URSS, mantendo a sua firme posição de sempre, recusou-se a retirar o seu consulado de Nanquim e protestou duramente, junto de Tóquio, contra os bombardeamentos aéreos das povoações chinesas.

Este movimento, que se esboça contra o agressor bárbaro, é um raio de luz na tempestade que paira sobre o mundo.

Mas os trabalhadores de todo o mundo não podem esperar muito da iniciativa dos Estados burgueses. Só pela sua força e acção, os trabalhadores poderão obrigar os Governos a agir contra os agressores, contra os assassinos de mulheres e de crianças, contra a guerra.

apresentem ao Presidente da Câmara uma lista com 6 pessoas que mereçam a confiança de toda a população laboriosa da aldeia e a respeito das quais o fascismo não tenha nada por onde pegar.

2.º—Fazer boletins de voto que deverão ter a forma dum rectângulo, com as dimensões de 0,18x0,16 e podem ser manuscritos, dactilografados, litografados ou impressos em papel almaço branco e sem marca exterior ou sinal.

«Os boletins de voto inserirão os nomes dos candidatos pela ordem estabelecida na respectiva lista de candidaturas». (Art.º 43 da lei eleitoral).

Onde o fascismo impeça os trabalhadores de votar, como a própria lei fascista estabelece, é preciso organizar protestos dos trabalhadores. Além disso, deve votar-se da mesma maneira, apresentando os boletins de voto preenchidos com os nomes que são os eleitores queiram.

É preciso que nem um voto seja dado aos candidatos fascistas. Povo português: Organiza a luta eleitoral contra o fascismo e fazê-lo com essa luta seja uma parte de todo o conjunto da luta do povo português:

Contra a ofensiva do Capital, contra a guerra, contra o fascismo, contra a intervenção em Espanha!

AS CONDIÇÕES DE SÃO CARMAÑO

Os jornais anunciam que a sr.ª Marião do Carmo Carmona fotografada com as insígnias da Gra Cruz de Cristo, pela sua «obra de protecção aos desprotegidos, aos pobres e aos pequeninos».

Embora toda a espectacularidade com que têm rodeado a «obra Benfazeja da sr.ª Carmona indique claramente que estamos em presença de mais um acto de pura demagogia de fascismo, não é para protestar contra a homenagem feita àquela senhora, nem para ferir os seus sentimentos, que nós escrevemos.

Escrevemos, para exigir que a sr.ª Carmona demonstre que é digna da homenagem que lhe foi prestada, auxiliando, sem distinção, as mulheres, as mães e os filhos dos presos que, mais do que ninguém, precisam de ajuda.

Só assim, se auxiliar sem distinção todos estes necessitados, a sr.ª Carmona demonstrará que, pelo seu coração, se distingue do seu marido que é um dos principais causadores da miséria do povo português.

Mulheres e filhos dos presos e perseguidos, ide junto da sr.ª Carmona e solicitei que ela vos ajude. Não vacileis em receber uma parte do que por direito vos pertence. O que a sr.ª Carmona «dá RECEBE» o cl. do povo.

IDE TODOS JUNTO DELA E SOLICITAI AUXÍLIO À QUE DE JUSTIÇA TENDES DIREITO!

os que nele querem ingressar.

Em quarto lugar, responsabilizar as camaradas que apresentem novos elementos ao Partido e dar a estes, antes de serem ligados à organização, tarefas que justifiquem merecerem pertencer ao Partido.

Em quinto lugar, fazer sentir PRATICAMENTE que nenhum provocador entrará IMPUNEMENTE para o P.

Em sexto lugar, que NUNCA os membros de qualquer organização do P. conheçam os de outra.

Em sétimo lugar, NUNCA falar aos camaradas dos assuntos da vida interna do P. senão na parte que diga respeito ao SEU trabalho.

Em oitavo lugar, é necessário ter tudo preparado para que, em caso de prisão a polícia nada encontre em casa do preso ou nas dos seus parentes ou amigos conhecidos.

Em nono lugar, CUSTE O QUE CUSTAR não denunciar camaradas e TUDO o que prejudique a organização. Há indicações «SIMPLES» que a Polícia vai recolhendo e que mais tarde identificam um camarada que é preso.

Finalmente, é necessário TRABALHAR, trabalhar duma maneira real, de acordo com a linha do Partido, trabalhar disciplinadamente, segundo os princípios do Partido, executando todas as indicações do comité Central e seu Secretariado, que devem ter à sua volta o respeito e a dedicação de todo o P.

Com um Partido assim—e não seremos Comunistas se o não conseguirmos realizar—não haverá repressão policial, ou minobras fascistas que impeçam o povo português de obter o Pão, a Paz, a Liberdade e a sua Independência. Não amedronta neste momento.

Só por uma resistência colectiva é possível conter a agressão!

(Trechos fundamentais do discurso do camarada Litvinov na Assembleia da S.D.N.)

O camarada Litvinov, representante da URSS, diz, verificando que desde a última Assembleia, a agressão em teoria e na prática não somente não desapareceu mas, pelo contrário, levantou ainda a cabeça, mostrou com mais insubordinação que nunca a sua face horrenda e achou manifestações cada vez mais novas e mais frequentes sob uma forma cada vez mais imperceptível. Aos factos de agressão mascarada no sudoeste da Europa juntam-se factos semelhantes no estado puro sobre o continente asiático.

É em vão, diz Litvinov, que nós procuráramos um reflexo destes acontecimentos no relatório do Secretariado da Sociedade das Nações e na Assembleia. Bem pelo contrário se reforça a opinião segundo a qual o que se impõe cada vez mais é preservar, custe o que custar, a S.D.N. do sópro desses acontecimentos desastrosos e isola-la deles.

Na base desta terna solicitude pela Sociedade acha-se a opinião de que a Sociedade não pode lutar contra a agressão, porque os agentes de perturbações estão autênticos da Sociedade. Supõe-se que a luta contra a agressão não é possível senão em colaboração com o próprio agressor.

A questão espanhola foi subtraída à competência da S.D.N. e transmitida ao comité de pretensa não-intervenção, especialmente criado em Londres. Os resultados são conhecidos. Assinaram-se convenções imediatamente transgredidas. O comité de Londres, evidentemente, não atingiu nenhum dos fins que se propunha. Tais resultados são de recomendar à atenção dos apologistas da universalidade e mostram quanto são ilusórias as esperanças de colaboração útil entre Estados com objectivos diferentes.

Por outro lado, nós tivemos a experiência de duas conferências, em Montreux e, recentemente, em Nyon, que desmentiram a sua tarefa com bom êxito e rapidez, apesar da falta de universalidade, isto é, apesar da ausência dos próprios Estados cuja adesão é considerada aqui como universalidade.

Impõe-se uma conclusão. Não se trata de universalidade, mas sim que os membros duma organização internacional ou de uma conferência estejam unidos entre si por uma ideia universal: a ideia de paz e do respeito da independência dos povos, a ideia da exclusão da guerra e do instrumento de política na guerra.

Nos continentes três Estados, que repudiaram essas ideias e que justificam a sua agressão por estes mesmos motivos da luta contra o comunismo. Para desempenhar esta missão, que voluntariamente tomaram sobre si de encher de benefícios todos os povos, estão prontos a não poupar nenhum esforço e nenhum recurso dos seus próprios povos; estão prontos a reduzir ao mínimo as suas necessidades materiais mais elementares e a atribuí-lhes rações de fome, desde que tenham suficientes armamentos para extirpar o comunismo dos outros países. Aliás, acontece que os fundadores dessas ideias ideológicas premeiam-se da vitória do poder convincente

destas e dessem, então, das alturas ideológicas e das suas explicações mais prosaicas da sua cantilena anti-comunista.

Então ficamos sabendo que o anti-comunismo tem, também, um sentido geológico e significa preocupação para o estanho, para o zinco, mercúrio, cobre e outras riquezas minerais; e, quando esta explicação se não manifesta suficiente, então o anti-comunismo decifra-se como sendo a selva de um comércio lucrativo.

Contudo, conhecemos o exemplo dum país comunista, rico em matérias primas, que não se recusou a comerciar com todos os Estados, qualquer que seja o seu regime, e vemos, assim, que o comunismo não é um obstáculo às trocas comerciais como não importa que Estado, na condição, bem entendido, que este observe, pelo menos, a correção internacional mais elementar.

Deve-se acrescentar que a esferas de aplicação do palavrado anti-comunista estende-se cada vez mais. Quando se fala, agora, que o regime bolchevista deve ser extirpado, acrescentam-se muitas vezes as palavras «e outros regimes semelhantes». Ouve-se dizer frequentemente que todos os países democráticos parlamentares estão na véspera de bolchevização.

A URSS não reclama da Espanha

Litvinov classifica de absurda a afirmação de que a URSS deseja conquistar a Espanha ou, pelo menos, assegurar a influência política e económica completamente, por isso mesmo, o equilíbrio no Mediterrâneo.

«No decurso de todo o conflito na Espanha a URSS nada pediu à Espanha, nada reclamou e nada reclama. A União Soviética não tem na Espanha interesses estratégicos, económicos ou comerciais, nem mesmo considerações de equilíbrio. O que interessa é unicamente afirmar o direito de cada povo e determinar o seu regime interno, por sua própria vontade, sem qualquer intervenção de Estados Estrangeiros, ou, com mais forte razão, de tropas estrangeiras, o não permitir a criação em Espanha dum novo ponto de apoio para a agressão dirigida contra a Europa inteira.

O Governo soviético, embaixador não tendo reconhecido desde o início e não reconhecendo até ao presente a igualdade de direitos das partes no conflito espanhol, não pode por isso reconhecer a validade da proposta de eliminar da operação de guerra todos os elementos não espanhóis.

«Ao contrair compromissos internacionais, o Governo Soviético tem naturalmente o direito de velar por se não é lesado pela manutenção da farsa obrigatória do acordo para uns e a ausência, de facto, da sua (ou obrigatória para os outros).

A paz já está violada

«Não se trata actualmente de falar de ameaças contra a paz, porque a paz já está violada e a guerra não declarada prevêem em dois continentes e é difícil prever as suas repercussões nos

seus efeitos.

Ovínios aqui, da parte de certos delegados, dizer que a nossa salvação está na universalidade. Ninguém entre nós é adversário dessa universalidade, por princípio.

A questão é somente de saber se ela é realizável e a que preço, se ela pode, nas condições presentes dar resultados positivos, se, na realidade, a Sociedade está, sem ela, completamente desprovida de meio de acção.

Litvinov diz que todos lastimam sinceramente a ausência da Sociedade das Nações dum Estado tão poderoso como os E. U. da América.

A S.D.N. deve cumprir as suas obrigações contra as agressões

«A reforma da Sociedade das Nações exige, em todo o caso, muito tempo e a Assembleia actual deve resolver problemas mais prementes.

Temos o pedido de auxílio de dois membros da Sociedade, vítimas de agressão. Este apelo põe a Sociedade ante uma grande prova. Ela não pode conservar qualquer autoridade, nem mesmo a sua existência, evitando incessantemente cumprir as suas obrigações e registando a sua impotência.

Litvinov está convencido de que a S.D.N., mesmo com a sua composição actual, pode trazer à Espanha, como à China, um socorro mais poderoso.

«Tudo o que nos arriamos, diz, é suscitar o descontentamento e, talvez, o descontentamento profundo dos agentes de caos internacional actual e de sermos assaltados pela sua imprensa desenfreada. Eu sei que muitos não podem sensíveis à opinião desta imprensa que é tão provocadora e agressiva nos seus métodos como os Governos que lhe dão ordens. Mas eu prefiro fazer alguma coisa para poupar a vida de dezenas e centenas de milhares de vítimas do que poupar os sentimentos e o amor próprio dos agressores.

Que pode fazer e deve fazer a Sociedade perante a agressão? Há políticos que pensam que o melhor meio de nos desembaraçarmos da agressão é ceder. Censuram ao povo espanhol a resistência heroica que opõe aos generais rebeldes e aos Estados que estão por trás deles. Julgam também, que a China faria bem de ceder, sem combates, às exigências do agressor.

No entanto, não é para dar conselhos deste género que a Sociedade das Nações existe. A existência da Sociedade não seria também justificada no caso em que, abstendo-se de dar conselhos deste género, ficasse passiva protestando a sua fraqueza.

«O representante do Chile, continua, citou muitos Estados Sul-Americanos que deixaram a S.D.N.

Litvinov refere-se à ausência de alguns países tais como o Chile e os E. U. A., cuja dedicação ao ideal da S.D.N. é conhecido.

«Na realidade, quando se fala de universalidade, pensa-se primeiramente nas três grandes potências que já foram membros da So-

ciade e «atiraram com a porta».

Toda a sua política não é uma resposta eloquente à pergunta visada? Escondem estas potências a sua atitude negativa em relação às medidas colectivas tomadas a agressão? Não propõem elas entregar cada Estado à sua própria sorte, não reconhecendo a assistência mútua senão pela agressão comum? A história do comité de Londres de não-intervenção não nos dá uma ideia bastante clara do que elas entendem por obrigações colectivas e a sua observância?

Enfim, nós conhecemos suficientemente as trocas de notas e as negociações dos últimos anos referentes à violação do tratado de Locarno, para sabermos que a questão que nós recomendamos para se reconhecer a possibilidade do regresso à Sociedade destes Estados e até mesmo as condições deste regresso lhes foram envidadas há muito tempo.

O camarada Litvinov fala, em seguida, da reforma em vistas, do Pacto da S.D.N. Diz que esta reforma deve ser realizada no sentido do reforço da S.D.N., no sentido do aumento da sua eficácia na luta contra a agressão.

Se o reforço da Sociedade não corresponde ao desejo de todos os membros (e é o que parece desprender-se da proposta destes aos Estados não membros) é inútil e inoportuno prosseguir o trabalho comento. Mais vale retomá-lo em melhores tempos, pois, na sua forma actual, a Sociedade continua sendo um elemento não de desprezo do potencial da paz.

Pode-se considerar como um axioma que a paridade da Sociedade, durante o conflito da Manchúria, teve como consequência, alguns anos mais tarde, a agressão contra a Abissínia. A actividade insuficiente da Sociedade, no caso da Abissínia, favoreceu a experiência espanhola. A carência da Sociedade, no caso da Espanha, encorajou nova agressão contra a China.

Tivemos, desta maneira, quatro agressões no espaço de 5 anos.

Vemos como a agressão, quando não é detida, passa de um continente ao outro, tomando cada vez mais extensão.

Por outro lado, estou persuadido de que uma política resolvida da S.D.N., no caso de agressão, nos teria poupado todos os outros casos e então, só então, todos os Estados se teriam persuadido de que a agressão é de mau rendimento.

«So uma tal política levará os antigos membros a vir bater à nossa porta e nós lhes diremos alegremente: "Entrai". Não os interrogaremos sobre a sua ideologia, sobre os seus regimes internos, pois a S.D.N. reconhece a coexistência pacífica de todos os regimes existentes, e será então que se realizará o nosso ideal comum duma Sociedade universal que se conservará como um instrumento de paz.

Sómente, não esperamos este ideal, distribuindo questionários, mas unicamente, opondo uma resistência colectiva para fazer face à agressão pela defesa colectiva da paz e de que todos nós temos necessidade e de que nós conheceremos todos os benefícios.